



XXVII ENFERMAIO

Enfermagem e
Bem viver: os caminhos para a
saúde da população em territórios
fragmentados

Realização:



Apoio:



RISCOS DO USO DE REPOSIÇÃO HORMONAL EM MULHERES QUE VIVENCIAM O CLIMATÉRIO: REVISÃO DE LITERATURA

Germana Pinheiro Correia Lima Sousa ¹

Caterine Helen Coutinho de Souza ²

Alicea Gonçalves de Moraes ³

Natiely Mendes da Silva ⁴

Andreina Braga de Andrade ⁵

Ana Virginia de Melo Fialho ⁶

TRABALHO PARA PRÊMIO: PÓS-GRADUAÇÃO - EIXO 4: ENFERMAGEM EM SAÚDE DA MULHER E SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

RESUMO

INTRODUÇÃO: O climatério é considerado um período de transição fisiológica que as mulheres vivenciam mudanças físicas, psicológicas e hormonais, em razão do decaimento dos hormônios femininos. As mudanças podem gerar desconfortos e algumas mulheres optam por terapias que reduzem o aparecimento dos sintomas. O estudo tem como objetivo compreender quais são os riscos do uso da terapia de reposição hormonal em mulheres climatéricas. **METODOLOGIA:** O estudo é identificado como revisão de literatura do tipo narrativa. Nela foram utilizados os descritores: Climatério; Terapia de Reposição Hormonal; Risco, conectados pelo operador booleano AND, buscando artigos que respondam a questão norteadora: “Quais os riscos do uso de reposição hormonal para as mulheres climatéricas?”. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Após a análise dos artigos percebeu-se a associação do tempo de uso da terapia de reposição hormonal com alguns acontecimentos de saúde, destacando-se o aumento do risco de Trombose venosa profunda e do risco ou agravamento do câncer de mama em mulheres climatéricas. **CONCLUSÃO:** Por isso, a equipe de enfermagem tem o papel de informar sobre os benefícios e riscos às mulheres e também proporcionar o conhecimento a respeito de terapias alternativas para a redução dos sintomas.

Palavras-chave: Climatério; Terapia de Reposição Hormonal; Risco.

1. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará

2. Graduanda de Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará.

3. Graduanda de Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará

4. Graduanda de Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará

5. Graduanda de Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará

6. Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Ceará. Professora Associada do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará.

E-mail do autor: germana.pinheiro@aluno.uece.br

INTRODUÇÃO

O climatério é um período de transição da fase reprodutiva para a não reprodutiva da mulher, integrando três fases que circundam a menopausa, ou seja, também pode ser identificado como pré-menopausa, uma vez que a mulher ainda mantém suas funções reprodutivas, pois ainda há ovulação. Já a menopausa propriamente dita é caracterizada como o último ciclo menstrual após 12 meses de amenorréia, ocorrendo por volta dos 48 a 50 anos de idade. Por fim, a pós-menopausa corresponde o período após o evento da menopausa e nela os sintomas do climatérios podem ser mais intensos (Campos *et al.*, 2022).

No climatério ocorre a redução da produção de alguns hormônios que atuam no ciclo reprodutivo da mulher, como a progesterona e o estrogênio. Ausência de menstruação, menopausa, é precedida de irregularidades menstruais, relacionadas às queixas de sangramento uterino inesperado ou padrões de ciclos menstruais (Baccaro *et al.*, 2022).

Ademais, o hipoestrogenismo, redução dos principais hormônios reguladores da mulher, também ocasiona mudanças fisiológicas e comportamentais durante o climatério. A título de ilustração podemos citar os fogachos, que são sintomas vasomotores, o ressecamento vaginal que pode vir acompanhado da dispareunia durante as relações sexuais e também as alterações de humor, principalmente sensação de tristeza, irritabilidade e depressão em alguns casos (Machado; Alano; Nascimento, 2021).

Na tentativa de manutenção do bem-estar, algumas mulheres procuram os sistemas de saúde em busca de amenizar os sintomas característicos. Com isso, a terapia de reposição hormonal (TRH) foi considerada uma alternativa de promover uma qualidade de vida às mulheres climatéricas, pois ajuda a manter o equilíbrio dos hormônios que estão desregulados no organismo. A terapia tem efeitos consideráveis comprovadamente nos sintomas vasomotores e urogenitais, com a redução dos fogachos e ressecamentos vaginais (Wannmacher; Lubianca, 2004).

Seguindo a linha de raciocínio, também há benefícios prováveis na redução de fraturas ligadas à osteoporose, uma vez que os estrogênios atuam na reparação dos ossos e induzem a osteogênese, formação de novos ossos (Brasil, 2008). Contudo, estudos apontam riscos relacionados ao uso da TRH, um deles é a associação da terapia combinada com o aparecimento do câncer de mama, por ser um câncer dependente de hormônios. A mulher com câncer de mama no climatério deve optar por outras propostas de redução dos sintomas

climatéricos, pois a terapia combinada oferece um risco de aumento do estadiamento do câncer (Martins et al., 2021).

É relevante investigar a respeito das TRH e entender se os benefícios conseguem superar os riscos na sua utilização, com a finalidade de priorizar a qualidade de vida das mulheres na perimenopausa. Por isso, o presente estudo se questiona a respeito dos riscos da terapia hormonal em mulheres que estão vivenciando os sintomas do climatério. Dessa forma, objetiva-se compreender quais são os riscos do uso da terapia de reposição hormonal em mulheres climatéricas.

MÉTODO

Trata-se de um estudo na modalidade revisão narrativa de literatura, que, de acordo com Rother (2017), é adequada para detalhar e discutir o desenvolvimento ou o “estado de arte” de um assunto, sob o ponto de vista teórico ou conceitual, permitindo atualizações sobre esse assunto em um menor período de tempo.

A coleta de artigos foi realizada no mês de março de 2024, por meio das bases de dados: Pubmed e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Climatério, Terapia de Reposição Hormonal, Risco, conectados pelo marcador booleano AND.

A pesquisa foi realizada a partir das seguintes etapas: 1º) Perceber a problemática relacionada aos riscos da terapia de reposição hormonal no climatério; 2º) Formular a pergunta problema; 3º) Escolher descritores para pesquisa nas bases de dados; 4º) Fazer inclusão e exclusão dos trabalhos encontrados 5º) Realizar a categorização dos estudos 6º) Efetivar a interpretação dos resultados. (MENDES *et al.*, 2008).

A partir disso, a questão norteadora definida para o estudo foi: “Quais os riscos do uso de reposição hormonal para as mulheres climatéricas?”. Para a seleção dos artigos utilizados foram adotados alguns critérios de inclusão, como: recorte temporal dos últimos cinco anos (2019-2024), em idioma português e inglês e que respondessem à pergunta norteadora.

Durante a pesquisa por meio dos descritores foram encontrados 48 artigos, os quais foram lidos na íntegra. Após esta fase foram excluídos artigos duplicados nas bases de dados, que não respondiam a pergunta problema, monografias, dissertações, teses e relatos de experiência, totalizando oito artigos para compor a amostra final.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a busca foram encontrados oito artigos que atenderam aos critérios elaborados. Com isso, percebeu-se pontos positivos e negativos associados a terapia de reposição hormonal, pois a depender de cada caso ela pode agir reduzindo os sintomas, entretanto, trazendo consequências maléficas a longo prazo para as mulheres que vivenciam as fases do climatério.

O climatério é uma fase biológica natural da vida, não um processo de doença. Portanto, a terapia de reposição hormonal (TRH) é frequentemente utilizada para tratar os sintomas do climatério. Ademais, a intensidade dos sintomas durante este período desempenha um papel importante na decisão do uso da TRH (Dotlic *et al*, 2019).

A TRH costuma ser realizada com estrógenos, progestágenos e suas combinações. É indicado para o manejo de manifestações vasomotoras e urogenitais devido a redução da produção ovariana de esteróides, principalmente estradiol e progesterona. Porém, apesar do objetivo de prevenir outras alterações relacionadas ao climatério e à menopausa, deve-se ter cautela quando utilizado por longos períodos. Esta terapia constitui uma das mais complexas decisões médicas na saúde da mulher, pois, nas últimas décadas, houveram muitas informações conflitantes (Nahas; Nahas-Neto, 2019).

Outrossim, a sintomatologia climatérica sinaliza mudanças no corpo, na qualidade de vida (sensação de calor, tristeza, irritação, estresse, insônia, depressão) e todos esses sintomas afetam o estado físico e emocional da mulher, podendo desencadear o risco de várias doenças. Além disso, a falta de aconselhamento combinada com o medo faz com que muitas mulheres se sintam inseguras ao procurar ajuda para aliviar os sintomas climáticos. Existem situações em que a TRH pode ser utilizada com segurança e, em situações específicas onde há contra indicações ou preferências do paciente, alternativas podem ser indicadas (Silva; Mamede, 2020; Belizário *et al.*, 2021).

Ademais, as indicações para TRH exigem a ausência de contraindicações como: doença hepática descompensada, câncer de mama, doença arterial coronariana e doença venosa ou tromboembólica. Pois, ao utilizar a TRH oral, o estrogênio é absorvido pelo trato gastrointestinal, chega ao fígado através do sistema porta e, em seguida, atinge os órgãos-alvo através do sistema circulatório. Os efeitos do metabolismo de primeira passagem dos estrogênios orais podem resultar em alterações na coagulação, embora estas alterações não

tenham sido observadas em indivíduos que receberam estrogênios não orais. Isto explica o risco aumentado de TVP naquelas que utilizam estrogênio oral e o menor risco em mulheres que tomam estrogênio não oral (Nahas; Nahas-Neto, 2019).

Estudos observacionais relataram uma redução no risco de doença arterial coronariana após terapia hormonal (TH) variando de 31 a 44%. No entanto, recentes ensaios clínicos randomizados e controlados que avaliaram o efeito da TH na prevenção primária e secundária de DCV têm questionado a eficácia da TH, apesar de confirmarem o efeito hipolipemiante do estrógeno. No entanto, um conjunto de fatores é responsável pela gênese e progressão das DCV (Chen, 2006).

Além disso, os receptores de estrogênio e de progesterona são biologicamente marcadores do desenvolvimento do câncer de mama. A neoplasia mamária se comporta diferente em cada organismo, podendo haver diferentes etiologias, progressão e resposta de tratamento. Hodiernamente, em países ocidentais a epidemiologia da doença aponta que 75% da incidência e mortalidade se deve aos receptores positivos dos hormônios femininos. Desse modo, a terapia de reposição hormonal pode estar associada com maior expressão destes receptores, aumentando o risco para o desenvolvimento do CA de mama (Martins *et al.*, 2021).

Diante disso, é importante ressaltar que o uso de TH deve ser recomendado após a avaliação da condição da paciente, tanto na perimenopausa, quanto na menopausa ou pós-menopausa. Por isso, diferentes preparações e dosagens de TH em mulheres climatéricas com risco de DCV, antes que lesões ateromatosas tenham se desenvolvido, devem ser investigadas (Chen, 2006).

Outra alternativa para reduzir os sintomas do climatério são as terapias alternativas, que podem substituir a terapia de reposição hormonal (TRH). Surgem opções, como medicamentos não hormonais (clonidina, inibidores seletivos de recaptção da serotonina, inibidores da recaptção da serotonina e noradrenalina, gabapentina), fitoterápicos (derivados da soja - isoflavona, erva-de-são-cristóvão) e terapias não farmacológicas, como o incentivo à prática de atividade física, que auxiliam na sensação de bem-estar da mulher (Barra *et al.*, 2014).

As Isoflavonas são menos potentes do que o estrogênio endógeno. Seu uso terapêutico está relacionado com diminuição nos sintomas da menopausa, uma forma

alternativa de terapia de reposição natural para alívio dos sintomas, eleva os níveis de colesterol bom (HDL) e diminui os níveis de colesterol ruim (LDL), reduz também a probabilidade de osteoporose e também ajuda na redução de risco de determinados tipos de câncer. Suas propriedades farmacológicas implicam tecidos alvos como hipófise anterior e hipotálamo, auxiliando em seus efeitos e sintomas do climatério (Manica *et al.*, 2018).

CONCLUSÃO

Diante disso, conclui-se que a terapia de reposição hormonal, apesar dos benefícios em alguns sintomas climatéricos, como na redução dos fogachos e dos sintomas urogenitais, é uma alternativa que a longo prazo pode trazer riscos à saúde da mulher, fazendo com que os malefícios superem os benefícios em determinados casos.

A reposição hormonal pode ser um risco quando utilizada de forma prolongada, ou seja, mais de 5 anos, podendo estar associada com o aparecimento ou agravamento do câncer de mama, o aumento do risco para o desenvolvimento de Trombose Venosa Profunda (TVP) e de Doença arterial Coronariana, apesar do efeito protetor do estrogênio em mulheres que já possuem a cardiopatia.

Por isso, a equipe de enfermagem tem o papel de informar sobre os benefícios e riscos às mulheres e também proporcionar o conhecimento a respeito de terapias alternativas para a redução dos sintomas, como a utilização de fitoterápicos ou a prática de atividade físicas. Assim, as mulheres poderão se empoderar do conhecimento e decidir o que consideram melhor para a sua saúde, considerando os prós e contras.

Diante disso, o estudo em questão traz à tona uma discussão importante, que muitas vezes pode trazer questionamentos, tanto para profissionais, como para a sociedade. Os profissionais da saúde com respaldo científico são considerados um meio de comunicação essencial para sanar dúvidas e receios das pacientes. Sabendo dos fatores que circundam a utilização da terapia de reposição hormonal pode-se evitar agravamentos de saúde que são considerados problemas de saúde pública no País.

REFERÊNCIAS

BACCARO, L.F; PAIVA, L.H; NASSER, E.J *et al.*, Propedêutica mínima no climatério. **FEMINA**, p. 263-271. Acesso em: 23 de março de 2024.

BELIZÁRIO, Rúbia Dara *et al.* Conhecimento das mulheres sobre a terapia de reposição hormonal. **Rev. Méd. Paraná**, [s. l.], p. 14- 18, 2021. Disponível em:

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1282384>. Acesso em: 25 mar. 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. Manual de Atenção à Mulher no Climatério / Menopausa. Série A. Normas e Manuais Técnicos Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos – Caderno, n.9, **Ministério da Saúde**, 2008.

BARRA, Alexandre de Almeida *et al.* Manejo dos sintomas climatéricos em pacientes com câncer de mama. **Feminina**, Minas Gerais, v. 42, n. 1, p. 52-56, 01 fev. 2014. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2014/v42n1/a4814.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2024.

CAMPOS, P.F; MARÇAL, M.E.A; ROCHA, L.S *et al.*, Climatério e menopausa: conhecimento e condutas de enfermeiras que atuam na Atenção Primária à Saúde. **Rev. Enferm**, v.12, e41, p.1-21, 2022. Acesso em: 23 de março de 2024.

CHEN, F.-P.. Hormone Therapy and Cardiovascular Disease. **Taiwanese Journal of Obstetrics and Gynecology**, 45(4), 287-293, 2006. Acesso em: 23 de março de 2024.

DOTLIC, Jelena *et al.* Hormonal therapy in menopausal transition: implications for improvement of health-related quality of life. **Gynecological Endocrinology**, [s. l.], v. 3, 2019. DOI <https://doi.org/10.1080/09513590.2019.1676409>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MACHADO, L.N; ALANO, G.M; NASCIMENTO, D.Z. Climatério e Terapia de Reposição Hormonal por mulheres em um município do Sul de Santa Catarina. **Revista da AMRIGS**, v.65, p. 1-7, 2021. Acesso em: 23 de março de 2024.

MARTINS, S.C; ARAUJO, M.A.M; MOURA, J.P.M *et al.*, Terapia de reposição hormonal e câncer de mama: uma revisão de literatura acerca da influência do tratamento hormonal no desenvolvimento neoplásico. **Revista Médica de Minas**, v.31, p. 1-8, 2021. Acesso em: 23 de março de 2024.

MANICA, Jucelia *et al.* Efeitos das terapias na menopausa: uma revisão narrativa da literatura. **Journal Of Health & Biological Sciences**: uma revisão narrativa de literatura, [S.L.], v. 7, n. 1-, p. 82-88, 28 dez. 2018. Instituto para o Desenvolvimento da Educação. <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v7i1.2064.p82-88.2019>. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/biblio-1005503>. Acesso em: 03 abr. 2024.

NAHAS, E. A, NAHAS-NETO, J. Terapêutica hormonal: benefícios, riscos e regimes terapêuticos. São Paulo: **Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo)**; 2019. (Protocolo Febrasgo – Ginecologia nº 54/Comissão Nacional Especializada em Climatério). Acesso em: 25 mar. 2024.

SILVA, L.D.C, MAMEDE, M.V. Prevalência e intensidade de sintomas climatéricos em mulheres com doença arterial coronariana. **Rev Fun Care Online**. 2020 jan/dez; 12:305-312. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.6755>. Acesso em: 25 mar. 2024.

WANNMACHER, L; LUBIANCA, J.N. Terapia de reposição hormonal na menopausa: evidências atuais. **Uso racional de Medicamentos**, v. 1, n. 6, p. 1-6, 2004. Acesso em: 23 de março de 2024.